

Figueira da Foz

REGIÃO DAS BEIRAS

Bastonário contra o “direito à morte”

Médico A eutanásia, a falta de médicos, o ambiente e a saúde foram abordados no Casino por José Manuel Silva

BELA COUTINHO



José Manuel Silva e Manuel Castelo Branco

Bela Coutinho

Defende que, a nível laboral, sejam dadas duas horas por dia aos pais para terem mais tempo para as crianças (filhos até 3 anos de idade). «Não vejo o encarniçamento no apoio à natalidade que vejo no apoio à morte». O bastonário da Ordem dos Médicos, foi o convidado, terça-feira à noite de “Utopias XXI”, iniciativa da parceria entre o Casino Figueira e o ISCAC. José Manuel Silva diz que a eutanásia «em certos países tem tido consequências preocupantes» e que ao ser defendida «muda-se a cultura do direito à vida, para o direito à morte». Defende que a eutanásia «não pode ser usada para compensar as lacunas do Serviço Nacional

de Saúde (SNS)», considerando-a uma «caixa de Pandora».

“SNS é dos melhores do mundo e barato”

Aliás, José Manuel Silva não tem dúvidas, «temos o melhor SNS do mundo e barato (números da OCDE). É essencial, sustentável e é mentira que seja caro e despesista». «O que não é sustentável», acrescentou, «é a forma como Portugal tem sido governado nos últimos anos. Gastamos quase tanto na dívida pública como na saúde». Para o bastonário «não é com austeridade que se resolvem os problemas de saúde. A má qualidade fica cara, em termos económicos e para as pessoas». E defendeu que «a medida com mais impacto no país é o mo-

delo de eleição dos deputados, eleitos no “pacote farinha amparo”. José Manuel Silva defende eleições através de círculos uninominais, a redução do número de deputados e políticos bem pagos. «Temos de deixar de ser miserabilistas para ter os melhores a gerir o país», sustentou.

“Excesso de médicos é tão mau como a falta deles”

Mas estes foram “apenas” alguns dos temas que abordou, na intervenção sobre “Viver mais/viver melhor”. Acreditando que a medicina «segue um caminho estranho», salientou que «o excesso de médicos é tão mau como a falta deles, mercantilizam a saúde e as pessoas e não sei qual é pior», frisou, advogando um planea-

mento da saúde para 12 anos. Mas isso, acrescentou «é ultrapassar a capacidade dos políticos. Tem uma perspectiva a muito curto prazo».

As novas tecnologias e o futuro que passa «pela digitalização do doente em termos fisiopatológicos», em que os medicamentos serão testados «no nosso modelo e não em nós» ou a nanotecnologia e os nano-robots a circularem nos nossos vasos sanguíneos são, no seu entender «todo um mundo novo que se abre».

Alimentação à base de “um caldo químico”

Todavia, há «grandes ameaças» advertiu, que passam pelas «alterações climáticas, a nossa pegada ecológica que pode transformar o nosso planeta em inóspito». E os problemas ambientais «estão onde menos suspeitamos», devido ao «caldo químico em que vivemos e em que a inter-acção entre substâncias nunca foi testada», diria, para salientar que «comemos herbicidas altamente tóxicos».

Os excessos (de sal, de gorduras, de refrigerantes, de tabaco e outros), são malefícios evitáveis, assim como a iletracia em saúde. O médico que para o ano sai da Ordem e regressa à medicina, porque «é preciso renovar e há muita gente capaz», garante que «a pobreza afecta o desenvolvimento do cérebro e condiciona o desenvolvimento da criança para a vida» e preconiza «um imposto sobre a “fast food”» e uma redução de impostos «no que faz bem à saúde, como a fruta». E afirma que uma das formas de «diminuir as doenças é reduzir as desigualdades sociais». 4